

AS FESTAS E RITUAIS RELIGIOSOS COMO ESPAÇOS SOCIAIS DE ATUALIZAÇÃO DOS SABERES EM ITAMATATIUA – ALCÂNTARA (MARANHÃO)

Tacilvan Silva Alves

Apresentação

Analisar um espaço em que os elementos simbólicos estabelecem uma relação com as estruturas que moldam por vez a própria identidade de um grupo, torna-se uma tarefa carregada de elementos onde a construção das próprias redes sociais com o grupo acaba por se tornar instrumento de grande relevância na captura de informações que possam sustentar uma etnografia do grupo que se pretende conhecer. O amadurecimento do simples processo de olhar o real atribuindo-lhe a inclusão do olhar que o próprio grupo lança sobre si mesmo, transparece a importância de se observar atentamente os fatos presentes no desenrolar da trama social para a construção de um conhecimento em torno das especificidades do grupo. Muito mais cuidado exige a arte de ouvir os atores da cena social atentando para aquilo que os mesmos expõem de si, relevando que expõem a um indivíduo cujo o contato com os mesmos se mantém pela primeira vez, e que por isso acaba por ser tido como o estranho entre os conhecidos. A elaboração de uma etnografia de um grupo perpassa por uma compreensão em as dificuldades não são elementos ausentes, antes se tornam pertinentes tanto mais se busque cientificar ou precisar um objeto de análise. A isto bem coloca Bourdieu:

Em suma, enquanto vocês permanecerem na ordem da aparência socialmente constituída, todas as aparências estarão a vosso favor, convosco – ate mesmo as aparências da cientificidade. Pelo contrário, desde que vocês comecem a trabalhar num verdadeiro objeto constituído, tudo se tornará difícil: o progresso <<teórico>> gera um acréscimo de dificuldades <<metológicas>>. (BOURDIEU, 2010, p.41)

Assim a escrita aqui impressa representa muito mais um ato de quem se integra a um grupo ineditamente e capta pelas margens uma parte do tecido construído ao longo de um processo onde os elementos identitários, regem os simples atos dos atores em

foco, propondo-me a tecer uma etnografia de duas festas tradicionais da comunidade de Itamatatiua.

Olhando por meio de uma descrição

Cheguei às quinze horas e vinte e oito minutos e logo que desci do ônibus, olhei uma estrutura onde sobre ela fica um grande pote construído a principio, para sinalizar a entrada do local onde fica o centro de cerâmica de Itamatatiua espaço internacionalmente conhecido como o local em que as mulheres fazem cerâmicas, e que hoje se tornou o principal ponto de referência para todos aqueles que queiram chegar a tal comunidade. Por exemplo, para eu me conduzir até essa localidade, fui aconselhado por Davi Junior para solicitar parada ao motorista do ônibus em que eu viajei em frente ao “*ramal do pote*”, denominação por meio da qual a estrutura referida é conhecida. Dirigir-me para casa de Davi Junior onde permaneci durante os três dias em fiquei junto ao grupo observado.

Esta inserção junto a comunidade se da a priori, por intermédio do pesquisador Davi Pereira Junior, para auxiliá-lo na coleta de dados no período em que ocorria o festejo de Santa Tereza. Por vez, este é natural de tal localidade e vem desenvolvendo sua dissertação de mestrado a partir das análises feitas em torno de sua própria comunidade.

Assim, minhas idas a Itamatatiua são, frutos da ocorrência de dois festejos da comunidade. O primeiro, como já citado, foi o festejo de Santa Tereza marcado por uma única viagem nos três últimos dias de festa; o segundo foi o festejo de São Benedito, onde realizei duas viagens, sendo a primeira logo no início do festejo e a outra no encerramento.

Aproveitei esta oportunidade para realizar minhas primeiras observações nesse território visto que o mesmo está incluído num espaço tido como terras de santo. Desta forma, Davi Pereira Junior ao mesmo tempo em que realizava suas pesquisas, também me esclarecia vários detalhes do que se passava na comunidade, sendo assim, aquele que muito contribuiu na realização destas observações o qual também me apresentou junto a comunidade veiculando, dessa forma, minha inclusão ao grupo, uma vez que a única pessoa que até aquele momento eu conhecia da comunidade em questão era ele.

Torna-se mais significativo essa relação, a partir do instante, que se leva em consideração o fato de este ter sido um momento em que pude observar um pesquisador desenvolvendo uma pesquisa, na qual está se passando dentro de sua própria comunidade, além de ao mesmo tempo, ele ter procurado me colocar por dentro das especificidades cabíveis a aquela realidade que a priori era algo totalmente novo para mim. Isto comportou assim, uma interação repleta de riquezas em que o olhar sobre a própria forma da construção do conhecimento científico acaba ganhando novas reflexões ao se perceber o entrançado tecido entre aquele que ao mesmo que pesquisa também interage com uma realidade a qual ele é pertencente.

Das três viagens realizadas, a primeira ocorreu no dia quatorze de outubro de dois mil e onze, onde acompanhei os três últimos dias do festejo da Santa Teresa. Nessa oportunidade mantive contato com algumas lideranças locais, como a dona Neide, que é a encarregada das terras de Santa Teresa, também muito envolvida nos elementos de conhecimento simbólicos que giram em torno da comunidade. Vale enfatizar o fato de que dentro deste território, as interações mantidas entre os indivíduos pertencentes ao grupo, estão pautadas nas relações mantidas diretamente com a Santa.

Embora não tenha tido oportunidade de aplicar nenhum questionário, obtive muitas informações por meio de “conversas espontâneas” junto às pessoas mais próximas de Davi que conseqüentemente foram as que no momento pude absorver algumas notícias a respeito do evento.

Cheguei ao local da realização do festejo, a saber, um local por nome Sítio, espaço que concentra a maior quantidade de moradores da comunidade, às dezessete horas e três minutos onde pude acompanhar os últimos momentos em que a igreja estava sendo ornamentada com fitas, arranjos e balões.

Essa atividade estava sendo realizada pela dona Izabel, dona Neide, dona Luiza e outras pessoas cujo nome, não tive oportunidade de ter acesso, para a realização do festejo, as quais primavam, em tal ornamentação, pelas cores branca e azul, as mesmas cores com as quais está pintada a igreja. Atrás da mesma, pude observar a existência do cemitério da comunidade por sinal, é o primeiro elemento que se pode olhar quando se chega no Sítio uma vez que o mesmo fica logo na entrada para o mesmo. Em frente à igreja foi erguido o mastro de Santa Tereza.

Ao sairmos da igreja, seguimos em direção a outro ponto importante da organização do festejo, conhecida como *a casa da santa*. Ao fundo da área interna dessa casa, foi montado um altar em formato de uma casa toda revestida com materiais de várias tonalidades de azul, preparado para receber a santa Teresa quando esta viesse da igreja em um determinado momento da festa.

Neste mesmo local, na frente do altar foi montada uma mesa em que foram postos vários pratos com comidas, bebidas e bolos confeitados também com as cores azul e branca. Foi ali também o primeiro momento que ouvir as batidas das caixeiras, nas caixas que animam o batuque da santa as quais se encontravam na casa se preparando para acompanhar a santa durante aqueles últimos dias de festejo.

As vinte e uma horas, após a realização da missa, nos conduzimos para a *casa da santa*, oportunidade em que encontrei quatro pessoas que residem no mesmo bairro que eu. É importante notar que estes estavam acompanhando uma quinta pessoa, a saber, dona Maria que também mora no mesmo bairro, mas que é “*filha do lugar*” pesquisado e estava lá para pagar uma promessa feita a santa Tereza.

Sobre isso, se percebe que os laços construídos em torno da territorialidade ultrapassam até mesmo as delimitações físicas refletindo a consolidação identitária de pertencimento a um espaço específico portador de uma organização comunal. Dona Maria é apenas uma das muitas pessoas que ao longo do festejo, saíram de outras localidades para realizarem o pagamento de promessas feitas à Santa Tereza.

No segundo dia às dezessete horas aconteceu a procissão. Momento em que a santa é posta sobre um altar branco, enfeitado com flores e que é carregado por quatro pessoas. A santa, ao som do batuque das caixeiras, é então conduzida de dentro da igreja para fora que ao se aproximar do mastro e da santa cruz, são dadas algumas voltas em ambos antes de se seguir em procissão por uma das principais ruas do Sítio. Nesse percurso, a santa parou em frente à casa de alguns moradores. Ao longo da trajetória, acontece a alternância entre as caixeiras e aqueles que entoam cantos a santa.

A santa cruz se trata de uma estrutura cuja base é feita de cimento de formato quadricular. Corresponde a dois blocos de cimento onde o menor é sobreposto ao maior e em cima de ambos é posto uma cruz feita de madeira.

Ao retornar a igreja, foram dadas outras voltas tanto em torno do mastro quanto da santa cruz, logo em seguida, a santa voltou para dentro da igreja onde foi posta, ainda sobre o altar da romaria, numa mesa preparada para recebê-la, esse momento foi aproveitado por muitos para quitarem suas promessas.

Durante a procissão pude perceber a presença de dona Maria que reside no mesmo bairro que eu, citada em outrora, junto com um dos seus filhos o qual carregava uma vela do mesmo tamanho que ele, vela esta que ao chegar dentro da igreja foi acesa e conduzida até ao altar onde a santa se encontrava. Notei ainda a presença de alguns outros pesquisadores que assim como eu e Davi Junior, acompanhavam o festejo.

No período da noite, as vinte e três horas, a santa foi conduzida nos braços de uma moradora, seguindo da igreja em direção às casas dos moradores da rua que fica do lado direito da igreja. Após ter encostado na casa de alguns moradores de tal rua, a santa foi conduzida direção a rua do lado esquerdo da igreja momento que encostou também em outras residências. Logo após, retornou pela mesma rua até a igreja.

Isto se deve a outro elemento de grande importância dentro do festejo, a saber, o processo de recolhimento das *jóias da santa* onde os moradores ao receberem a mesma em suas residências, conduzem-na ao interior da casa onde lhe prestam suas ofertas.

Ao chegar à igreja, foi dado início as ladainhas, músicas cantadas em homenagem a santa. Após esse período, a santa foi levada de volta a sua casa ou *casa da santa*. Após ser deixada lá, os fieis seguiram em direção a frente da igreja onde houve a apresentação do tambor de crioula.

Pela manhã do penúltimo dia de festejo, em que ocorreu uma missa pela, foi o dia também em que se reuniram muitas pessoas para pagarem promessas. Após o término da missa aconteceu ao lado da igreja, uma apresentação do tambor de crioula para a santa que por vez foi levada até o local da apresentação por dona Isabel. Aqui se percebe como que as manifestações festivas são reconstruídas pelo grupo incorporando fatores que marcam especificidades tais da cultura de uma determinada comunidade fortalecendo suas identidades.

A segunda viagem se deu no dia seis de janeiro de dois mil e doze, ocasião em que estava acontecendo o início do festejo de São Benedito. Isto também foi favorecido. Ao chegar ao local da festa, estava acontecendo o levantamento do mastro.

Pude acompanhar o momento em que algumas mulheres saíram de dentro da casa onde acontecia o festejo, portando uma bandeira com a imagem do Santo a qual seria posta no topo do mastro. Estas seguiram em direção ao mastro onde, ao som de muitos foguetes, deram nove voltas em torno do mastro sendo que cada volta representa um novenário. Após isto, a bandeira foi colocada no local referido, seguido do erguimento do mastro quando é então, dado início ao festejo de São Benedito.

Sobre os novenários tive conhecimento de que se trata das pessoas que se dispõem a assumirem a responsabilidade de organizar as novenas que são feitas ao santo durante nove noites. Assim cada noite em que acontece uma novena, fica sob os cuidados de um determinado novenário.

No final de semana seguinte, efetivei a terceira viagem a Itamatatua. Esta ocorreu no sábado do dia quatorze de janeiro. Obtive informações advindas de Davi Junior que as terras de Santa Tereza compreendem uma área de cinquenta e cinco mil hectares de terras de uso comum as quais não podem ser vendidas. Sobre o local da festa, este estava enfeitado primando pela cor branca e vermelha.

Foi nessa ocasião que tomei conhecimento a respeito das cores referentes aos dois santos cujos festejos eu participei. Uma das professoras que ensinam nesta comunidade e por vez também é *“filha do lugar”*, me relatou que o fato de se enfeitar o local com tais cores é porque são estas as cores relativas ao santo, da mesma forma como são as cores branca e azul as cores de santa Tereza.

Na tarde do mesmo dia, ocasião em que seus familiares estavam reunidos na casa de dona Graça, chegou vários integrantes da comunidade carregando consigo, sobre um altar decorado com enfeites prateados e vermelhos, o santo Benedito. Algo inesperado pela própria dona Graça que logo se preocupou em receber os mesmos. Nessa oportunidade, observei que, enquanto quem acompanha santa Tereza em romaria são as caixeiras, são Benedito é acompanhado pelo tambor de crioula onde, seguindo de casa em casa há também a revezamento entre aqueles que entoam cantorias e os tocadores do tambor.

Acompanhei então o cortejo até chegar ao local da festa. No percurso notei a presença de uma mulher que carregava uma criança e uma vela cor de rosa. Ela estava pagando uma promessa feita a São Benedito. Quando chegamos, percebi que lá também havia um altar em forma de casa onde foi posto o santo. Na frente do altar estava uma mesa com vários alimentos, bolos e bebidas. Algo curioso é que estas comidas já estavam postas nos pratos. A mesma Professora que me falou sobre as cores relativas aos santos me falou também que cada prato daqueles expostos sobre a mesa, era para um novenário do festejo. O mesmo seguiu com cantorias e rezas ao santo. Assim, com banquetes simbólicos, com rezas e devoções a São Benedito, encerra-se mais um dia de festejo na comunidade.

È interessante notarmos como que o grupo, ao se manifestar em torno destas festas, também se impõe enquanto agentes que afirmam uma identidade onde as próprias festas comportam significativamente, elementos desta identidade.

Referência bibliográfica

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berro de. **Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”, Faixinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas.** 2ª Ed, Manaus: PGSCA – UFAM, 2008.

BERREMAN, Gerald. **Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do himalaia.** In: *Desvendando máscaras sociais*, Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1975, p 123-175.

Cardoso de Oliveira, Roberto. **O trabalho do antropólogo.** 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Introdução a uma sociologia reflexiva.** In: TOMAZ, F. (trad.). O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 2010

GEERTZ, Clifford. **O pensamento como ato moral: dimensões éticas do trabalho de campo antropológico nos países novos.** In: *Nova Luz sobre a Antropologia.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.